NEGRINHA

DO MESMO AUTOR

Urupés — contos.

Cidades Mortas — contos e impressões.

Idéas de Jeca Tatú — critica.

O Problema Vital — questões do saneamento.

A Menina do Narizinho Arrebitado — livro para creanças.

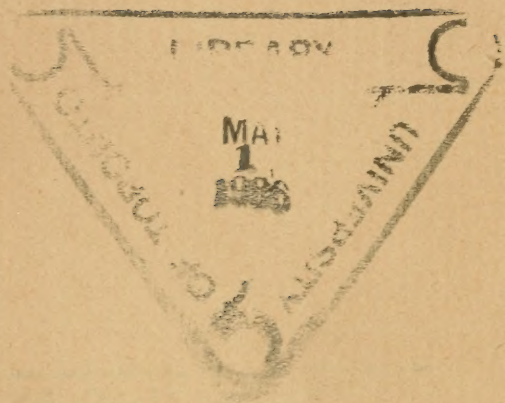
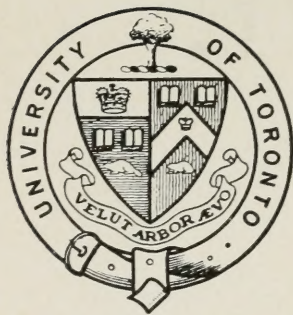
REVISTA DO BRASIL
CAIXA. 2 B — S. PAULO

MONTEIRO LOBATO

NEGRINHA

(CONTOS)

4.º MILHEIRO

S. PAULO - 1920
Edição da REVISTA DO BRASIL
Monteiro Lobato & Cia.

INDICE

NEGRINHA

NEGRINHA

NEGRINHA era uma pobre orphã de sete annos. Preta ? Não, fusca, mulatinha escura, de cabellos russos e olhos assustados.

Nascera de mãe escrava, na senzala, e seus primeiros annos de vida vivera-os pelos cantos escusos da cozinha, sobre farrapos de esteira e pannos immundos. Sempre escondida, que a patrôa não gostava de crianças.

Excellente senhora, a patrôa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos padres, com logar certo na egreja e camarote de luxo garantido no céo. Entaladas as banhas no throno, uma cadeira de balanço na sala de jantar, alli bordava, recebendo as amigas e o vigario, dan-

do audiencias, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em summa — "dama de grandes virtudes apostolicas, dizia o padre, esteio da religião e da moral".

Optima a D. Ignacia. Mas não admittia chôro de criança. Ai ! punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a callejara o chôro da carne da sua carne, e por isso não supportava o chôro da carne da carne escrava. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando ahi ?

Quem havia de ser ? A pia de lavar pratos ? O pilão? A mãe da criminosa abafava-lhe a boquinha e corria com ella para o fundo do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados:

— Cala a bocca, peste do diabo !

No emtanto o chôro nunca lhe vinha sem razão. Fome, quasi sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer, doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrophiada, com olhos eternamente assustados. Orphã

aos quatro annos, ficou para alli, feita um gato sem dono, levada a ponta-pés. Não comprehendia a idéa dos grandes. Batiam-lhe sempre, por acção ou omissão. A mesma coisa, o mesmo acto, a mesma palavra provocava, ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quasi. Com pretexto de que ás soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha ahi, e bico, hein ?

Negrinha immobilizava-se no canto horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo !

Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. O relogio batia uma, duas, tres, quatro, cinco horas—um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vel-o abrir a janella e cantar as horas com a boccarra vermelha, arrufando as azas. Sorria-se, então, feliz, um momento.

Puzeram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéa faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho ? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo—não tinha conta o numero de appellidos com que a mimoseavam. Tempos houve em que foi—bubonica. A epidemia andava na bérra, como novidade, e Negrinha viu-se logo appellidada assim — por signal que achou linda a palavra. Perceberam-no e supprimiram-na da lista. Estava escripto que não teria um só gostinho na vida, nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de signaes roxos, cicatrizes, vergões. Batiam, nelle, os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivos. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma attracção que o iman exerce para o aço.

Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos flui-

dos em sua cabeça, de passagem. Coisa de rir, e vêr a careta...

A excellente Dona Ignacia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos — e daquellas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalháo. Nunca se affizera ao regimen novo—essa indecencia de negro egual a branco, e qualquer coisinha: a policia!

"Qualquer coisinha": uma mucama assada ao forno porque se engraçou della o senhor; uma novena de relho porque disse: — "Como é ruim, a Sinhá!"

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remedio para os frenesis. Simples derivativo.

— Ai! Como allivia a gente uma roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os nickeis da crueldade: — cocres, mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido,

de despegar a concha (bom, bom, bom! gostoso de dar !) e o a duas mãos, o sacudido. A gamma dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, ao torcicão do umbigo, succulento, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, ponta-pés e safanões á uma — divertidissimo! A vara de marmello, flexivel, cortante: para doer fino, nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de vez em quando vinha um castigo maior para desobstruir o figado, e matar saudades do bom tempo. Foi assim com aquella historia do ovo quente.

Não sabem ? Ora ! Uma criada nova furtára do prato de Negrinha -- coisa de rir — um pedacinho de carne que ella guardava para o fim. A criança não sofreou a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— Peste ? Espere ahi ! Você vae vêr quem é peste.

E foi contar o caso á patrôa.

D. Ignacia estava azeda, e necessitadissima de um derivativo. Sua cara illuminou-se.

— Eu curo ella ! disse desentalando as banhas do throno e indo para a cozinha, qual uma perúa choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo !

Veiu o ovo. D. Ignacia mesma pol-o na chaleira d'agua a ferver e. de mãos á cinta, gosando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, á espera. Seus olhos contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, tremula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto a boa senhora exclamou:

— Venha cá !

Negrinha approximou-se.

— Abra a bocca !

Negrinha abriu a bocca, como o cuco, e fechou os olhos. A patrôa, então, tirou da agua "pulando" o ovo, com uma colher, e zás! na bocca da pequena. E antes que o urro de dôr saisse, pratica que era D. Ignacia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz — esper-

neou, mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquillo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E voltou, contente da vida, para o throno, a virtuosa dama, afim de receber o vigario que chegava.

—Ah, monsenhor! Não se póde ser boa nesta vida... Estou criando aquella pobre orphã, filha da Cezaria; mas que trabalheira me dá!

— A caridade é a mais bella das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cança...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus!

A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Ignacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Negrinha, do seu canto, na sala do throno,

viu-as irromper pela casa a dentro como dois anjos do céo — alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou immediatamente para a senhora, certa de vel-a armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a bocca: ella ria-se tambem... Quê? Pois não era um crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céo?

No enlevo da doce illusão, Negrinha levantou-se e veiu para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas logo a dura lição da desegualdade humana chicoteou su'alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

— Já, para o seu logar, pestinha! Não se enxerga?

Com lagrimas dolorosas, menos de dôr physica que de angustia moral — soffrimento novo que se vinha sommar aos já conhecidos, a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre

— Quem é, titia ? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha de ser? disse a tia num suspiro de victima — uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orphã... Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por ahi a fóra.

"Brinquem !" Brincar ! Como seria bom brincar ! reflectiu com suas lagrimas, no canto, a dolorosa martyrezinha que até alli só brincára, em imaginação, com o cuco !

Chegaram as malas e logo,

— Meus brinquedos ! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu as malas e tirou-os fóra.

Que maravilha ! Um cavallo de rodas !... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginára coisa assim, tão galante. Um cavallinho ! E mais... Agora... Que era aquillo? Uma criancinha de cabellos amarellos... que fala "papá"... que dorme...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem siquer sabia o nome

desse brinquedo. Mas comprehendeu que era uma criança artificial.

— E' feita !... murmurou, extasiada.

E, dominada pelo enlevo, um momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e approximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombro e encanto, sem geito, sem animo de pegal-a.

As meninas admiraram-se d'aquillo:

— Nunca viu boneca ?

— Boneca ? repetiu Negrinha. Chama Boneca ?

Riram-se as meninas de tanta ingenuidade.

— Como é boba ! disseram. E você como se chama ?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram-lhe, estendendo-lhe a boneca:

— Pegue !

Negrinha olhou para os lados, resabiada.

com o coração aos pinotes. Que aventura, Santo Deus! Seria possivel? Depois, pegou na boneca. E muito sem geito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ella e para as meninas, com relances d'olhos assustados para a porta. Fóra de si, litteralmente... Era como se penetrasse no céo e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao collo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patrôa já de volta. D. Ignacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, immovel, presenciando a scena.

Mas, era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extactica de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração, afinal, bambeou. E, pela primeira vez na vida, soube ser mulher. Apiedou-se.

Ao percebel-a na sala Negrinha tremeu, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente, e hypotheses de castigos peiores ainda. E incoerciveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi

a coisa mais inesperada do mundo: -- estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

--- E vá você tambem, mas veja lá, hein ?

Negrinha ergueu os olhos para a patrôa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nella a féra antiga Comprehendeu e sorriu-se.

Se a gratidão sorriu na vida, alguma vez, foi naquella carinha...

Varia a pelle, a condição, mas a alma da criança é a mesma, na princezinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos á vida da mulher: o momento da boneca, preparatorio, e o momento dos filhos, definitivo. Depois disso, está extincta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu que tinha uma alma no primeiro dia da boneca. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flôr de luz. Sentiu-se elevada á altura de ser humano. Cessára de ser coisa e d'ora ávante lhe era impossivel viver a vida de

coisa. Si não era coisa ! Si sentia ! Si vibrava !...

Assim foi, e essa consciencia a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas, levando comsigo a boneca, e a casa reentrou no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

D. Ignacia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostalgicos, scismarentos.

Aquelle dezembro de férias, luminosa rajada de céo, trevas a dentro do seu doloroso inferno, envenenára-a.

Brincára ao sol, no jardim — brincára !... Acalentára, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir. Vivera realisando sonhos da imaginação. Desabrochara-se d'alma.

A repentina retirada de tudo isso fôra forte

demais para a debil resistencia de uma alma com um mez de vida apenas. Enfraqueceu, definhou, como roída de invisivel doença consumptora. E uma febre veiu, que a levou.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Ninguem, entretanto, morreu jámais com maior belleza. O delirio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azues. E de anjos... E bonecas e anjos rodamoinhavam em torno della numa farandola do céo. Sentiu-se agarrada por aquellas mãosinhas de louça, abraçada, rodopiada.

Veiu a tontura, e uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Resoaram vozes apagadas, longe, e o cuco pela ultima vez lhe appareceu, de bocca aberta. Mas, immovel, sem rufar as azas. Foi-se apagando. O vermelho da guéla desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas...

.. ..

Depois, valla commum. A terra papou com indifferença sua carnezinha de terceira, uma miseria, quinze kilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma comica, nas meninas ricas:

— Lembras-te ? aquella bobinha da titia, que nunca vira boneca ?

Outra de saudade, no nó dos dedos de D. Ignacia:

— Como era boa para um cocre !...

AS FITAS DA VIDA

AS FITAS DA VIDA

PERAMBULAVAMOS ao sabor da fantasia, pela noite a dentro, através das ruas feias do Braz, quando nos empolgou a attenção a silhueta escura duma pesada mole tijolacea, com ares de usina vasia de machinismos.

— Hospedaria de immigrantes.

— E' aqui, então...

Paramos a contemplal-a, com a imaginação já ás cabriolas. Era alli a porta do Oeste paulista — Chanaan onde o ouro espirra do solo; era alli a ante-sala da Terra Roxa — essa California do rubidio, oasis côr de sangue coagulado, onde cresce a arvore do Brasil de amanhã, uma coisa melhor que o Brasil de hontem, luso e

pêrro; era alli o ninho da nova raça, o *paulista-liano,* de Arthur Neiva — liga, amalgama, juxtaposição de elementos ethnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca, anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitman, que não vêem estes aspectos novos do paiz, e os não põem em cantos?

Que chronica, que poema não daria aquella casa da Esperança e do Sonho?

Por ella passaram milhares de criaturas humanas, de todos os paizes e de todas as raças, miseraveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces, mas refloridas de esperança ao calor do grande sonho da America. No fundo eram heroes, porque só os heroes esperam e sonham. Emigrar: não existe fortaleza maior do que esta. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miseria da terra natal cança-os, e elles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a victoria da vida. E vencem.

Ninguem, ao vel-os na Hospedaria, promis-

cuos, humildes, quasi musulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de energias accumulado nelles e só á espera de ambiente propicio para explosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sézamo ás nossas riquezas adormecidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar vazios demographicos, de regiões novas. Mal caem aqui, transformam-se, florescem, dão de si a apojadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquella Hospedaria... Casa do Amanhã — corredor do Futuro...

Por alli desfilam, inconscientes, os formadores duma raça nova.

Dei-me com um antigo director desta almanjarra, disse o meu companheiro, e delle ouvi muita coisa interessante, acontecida cá dentro. Sempre que passo por aqui avivam-se-me na memoria varios episodios suggestivos, e, entre elles, um, romantico, pathetico, que até parece

arranjo para terceiro acto de dramalhão lacrimogeneo.

O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que elle se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagia o cinema, escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegára do Ceará, então flagellado pela secca, uma leva de retirantes, com destino á lavoura de café, na qual havia um cégo, velho de mais de sessenta annos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel, por que cargas d'agua dera com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incommoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro fresco com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão...

Interpellado o cégo por um funccionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asylo dos In-

validos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe nas costas a papeleta do "Para o eito", e lá veiu. Não tinha olhos para se guiar, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino dos cacos de gente...

— Porque, para o Asylo dos Invalidos ? perguntou o funccionario. E' voluntario da Patria?

— Sim, respondeu o cégo, fiz cinco annos de guerra no Paraguay e lá apanhei a doença que me poz a noite nos olhos. Depois que ceguei, cai no desamparo. Para que presta um cégo ? Um gato sarnento vale mais...

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois, continuou:

— Só havia no mundo um homem capaz de me soccorrer: o meu capitão. Mas, esse, perdi-o de vista. Se o encontrasse — tenho a certeza ! — até os olhos me era elle capaz de reviver. Que homem ! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem familia ?

— Tenho uma menina — que não conheço...

Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas...

Baixou a cabeça encanecida, tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para vel-a um instantinho, siquer. Só meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, attendendo ao serviço, e ali ficou, parado, immerso na tristeza infinita da sua noite sem estrellas.

O incidente, entretanto, impressionára o funccionario, que o levou ao conhecimento do director. O director da Immigração era, nesse tempo, o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia humanizada daquelle departamento. Ao saber que o cégo fôra um soldado de 70, interessou-se pelo caso e foi em pessoa procural-o. Encontrou-o immovel, immerso nas eternas scismas.

— Então, meu velho, é verdade que fizeste a campanha do Paraguay ?

O cégo ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33

— O 33, de S. Paulo ? Como, isso, se és do norte ? objectou o major.

— Verdade, sim, meu patrão, explicou o cégo. Vim do norte no 13 e, logo depois de chegar ao imperio do Lopes, entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuyuty nosso batalhão foi dizimado, como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos, eu e mais um punhado de camaradas. Fomos, então, incorporados ao 33 paulista, afim de preencher os claros, e nelle fiz o resto da campanha.

O major Carlos, tambem elle, era veterano do Paraguay, e por coincidencia servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente, pela historia do cégo, pondo-se a interrogal-o a fundo.

— Quem era o teu capitão ?

O cégo suspirou.

— Meu capitão era um homem que se eu o encontrasse na vida até a vista era capaz de me restituir! Mas não sei delle, perdi-o, para mal meu...

— Como se chamava ?

— Capitão Boucault.

O major, ao ouvir esse nome, sentiu electrizarem-se-lhe as carnes, num arrepio intenso; dominou-se, porém, e proseguiu:

— Conheci-o. Foi meu companheiro de regimento. Máo homem, por signal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cégo, até alli vergado na attitude humilde do mendigo, ergueu o busto altivamente e com a indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Páre ahi ! Não blaspheme ! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pae do soldado. Perto de mim ninguem o insulta ! Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante annos, no trabalho e no descanso, e nunca o vi praticar o menor acto de vileza!

O tom firme do cégo commoveu estranhamente o major. A miseria não conseguira romper no velho soldado as fibras heroicas da lealdade, e não ha espectaculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vivedoira até aos

limites extremos da desgraça. O major, quasi rendido, sobreesteve por um momento. Depois, friamente, proseguiu na experiencia:

— Enganas-te, meu velho. O capitão Boucault era um covarde!...

Um assomo de colera transformou as feições do cégo. Seus olhos, annuveados pela catarata, revolveram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a cara do infame detractor. Seus dedos se crisparam e todo elle se retezou como féra prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cégos, recaiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob fórma de lagrimas. E, lacrimejando, murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cégo...

Mal pronunciára estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, tambem em lagrimas, que dizia:

— Abraça, amigo, abraça o teu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault!..

Na duvida, aparvalhado ante o imprevisto desenlace, e como receioso duma insidia, o cégo vacillava.

— Duvidas ? exclamou o major. Duvidas de quem te salvou a nado na passagem do Tebiquary ?

A'quellas palavras magicas a identificação se fez, e, evanescido de duvidas, chorando como uma criança, o cégo abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar, num desvario:

— Achei o meu capitão ! Achei o meu pae ! Minhas desgraças acabaram-se !...

.. ..

E acabaram-se, de facto.

Mettido num hospital, sob os auspicios do major, lá soffreu a operação da catarata, e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos ! Não se cansava de "vêr", de matar as saudades da retina. Foi á janella e

sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o céo, para as flores do jardim. Resurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que se encontrasse o meu capitão... Posso agora, ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

E lá voltou para a terra dos verdes mares onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que se encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

O DRAMA DA GEADA

O DRAMA DA GEADA

JUNHO. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela bocca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafesaes, e alli pararamos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. O major, dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, voltou o corpo para o mar de café, aberto ante os nossos olhos, e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja !

Vi. Vi e comprehendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força creadora, dessas que ennobrecem a especie humana.

—Quando adquiri esta gleba, era tudo matta virgem, de ponta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro captivo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja !

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha ! Era um exercito em pé de guerra, mas bisonho ainda. Só no anno vindouro entraria em campanha. Até alli, os primeiros fructos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do exercito verde, por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha um olhar orgulhoso de pae deante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma cousa séria no mundo. Sua energia crea. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defesa da virgindade aggredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopéa por ahi ha que não vale a destes heroes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidavel. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalisar-lhe as forças de accôrdo com um plano preestabelecido, dominar a replica eterna do mato damninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das pragas... — batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso, e, o que é peior, sem a certeza plena da victoria. Colhe-a, muitas vezes, o credor, um onzeneiro que adeantou uns patacos carissimos, e ficou, a seu salvo, na cidade, mãos encruzadas na barriga, de cocoras num titulo de hypotheca, espiando o momento opportuno de cair sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major, isto é de enfunar o peito! E' deante de espectaculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, commodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, elle só, um quarto da producção: o governo. Sangram-na, depois, as estradas de ferro—mas destas não me queixo, que dão alguma coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa alli em Santos, no zangão, e vae, numa cadeia, até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do productor... concluiu pilheriando.

Tocamos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafesal intermino. Sem um defeito de formação, as parallelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem, ao longe, em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que o homem, sobrepondo-se á natureza, impunha-lhe o rythmo da symetria.

— No emtanto, continuou o major, a batalha não está ganha ainda. Contrahi dividas; a fazenda está hypothecada a judeus francezes. Não venham as colheitas que espero e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe: mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizados pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores ! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas escravas á cola de um carro de triumpho ! Orphãs da matta nativa, como não hão de chorar o conchego de outr'ora ! Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder.

O excesso de ar as atordôa, o excesso de luz as martyrisa — affeitas que estavam ao espaço exiguo e á penumbra somnolenta dum *habitat* millenario.

Fazendeiros desalmados — não deixeis nunca arvores núas pelo cafesal... Cortae-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira alli, disse o major, deixei-a para assignalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um bahiano valente que morreu ao pé della, estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquellas paragens, e disse:

—Como tudo aqui lhe ha de falar á memoria!

— E' isso mesmo. Tudo me fala á recordação. Cada tôco de pau, cada pedreira, cada volta do caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica —pittoresca sempre. Alli...— está vendo aquelle tôco de jerivá ? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigára-me num rancho coberto

de sapé, e lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio, em cima quasi das nossas cabeças.

— Fim de mundo, patrão ! — lembro-me — disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... Parecia !... Mas foi apenas o fim dum velho coqueiro do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre tôco... Cessada a chuva, encontramol-o desfeito em ripas.

Mais adeante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbarrondada em colleios até morrer no corrego. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça saia e pinga são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correcção. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tertius*... A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás suggestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos á casa de moradia onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei si por boa disposição

creada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me na memoria gravado para sempre. Não sou poeta, mas si Apollo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei de fazer uma belleza de ode a esse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo. Em seguida, emquanto o major attendia á correspondencia, sahi a espairecer pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por elle da hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher o fructo do penoso trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada, daquellas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, porque ?

— Porque a ultima geada grande foi em 95. D'ahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje.

Era só meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio ? Terra bem baixa, no emtanto, se bate geada alli, é sempre coisinha— um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais "prepotente" do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos, e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Porque as pintam sempre de verde ? Interpellei-o. Mas o preto não se embaraçou. Respondeu, sorrindo:

— Pois veneziana é verde como o céo é azul. E' da natureza della...

Acceitei a theoria e entrei.

A' mesa a conversa gyrou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta época. A geada é um eterno pesadello. Felizmente a geada não é mais

o que era. Já nos permitte aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas apezar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atraz da orelha. Virá ? Não virá ? Deus sabe !...

Seu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem profunda ao céo limpido.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a scismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

— Livra-te dos ares !... objectei.

— Christo não entendia de lavoura, replicou, sorrindo.

E a geada veio. Não geadinha mansa, de todos os annos, mas calamitosa, geada cyclica, trazidas em ondas, da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol bo-

real, tiritante. E a noite caira rapida, sem preambulos. Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que me viesse ferrar o somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada e, sentindo-me enregelado, com os pés a doer, ergui-me para um exercicio violento, unico remedio efficaz em casos desses. Sahi para o terreiro. O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espectaculo ! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores, immoveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, têsas, como endurecidas em gomma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de ao pé do côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das taboas — tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro ! Invariavel que é a nossa paizagem,

sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar, e vestir-se dum esplendoroso véo de noiva — noiva da morte, ai !...

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do fogoso Phebo, apressada de mais, transformára em desastre horroroso a nevada daquelle anno — a maior de quantas deixaram marca nas embaúbeiras de São Paulo. A resurreição do verde fôra apparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda a parte, a vestimenta do solo era um burel immenso, onde a sepia exhibia a gramma inteira dos seus tons reseccos. Pontilhava-o apenas, cá e lá, o verde sujo dos eucalyptos, o invencivel verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catastrophes. Só então me acudiu que o bello espectaculo

que eu até alli só encarára pelo prisma estheti-
co, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico
[illegible]

Entre as linhas 4 e 5 da pagina 52 faltam as seguintes linhas:

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes, e faces de batedeira, andavam os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

capaz duma loucura...

Puz-me em campo tambem, em companhia

sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar, e ves-

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catastrophes. Só então me acudiu que o bello espectaculo

que eu até alli só encarára pelo prisma estheti-co, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. E procurei-o, ancioso. Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janella, e lá permanecera immovel, observando o céo atravez dos vidros. Depois, sahira, sem ao menos pedir café, como era seu costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada — a familia entrou-se de apprehensões. Meio dia. Uma hora, duas, tres — e nada. O administrador, que a mandado da mulher, sahira a procural-o, voltou á tarde, mas sem noticias.

— Bati tudo, e nem rasto. Estou com medo d'alguma coisa... Vou espalhar gente por ahi, á cata.

D. Anna, afflicta, de mãos enclavinhadas, só dizia uma cousa:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

Puz-me em campo tambem, em companhia

do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direcções — inutilmente. Caiu a tarde. Caiu a noite—a noite mais lugubre da minha vida — noite de desgraça e afflicção. Não dormi. Impossivel conciliar o somno naquelle ambiente de dôr, sacudido de chôro e soluços. Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo. Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo appareceu geado, novamente. Veiu o sol. Repetiu-se a mutação de scena. Esvaiu-se a alvura e o verde torrado da vegetação envolveu a paizagem num sudario de desalento. Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vae-vem, os mesmos "quem sabe ?", as mesmas pesquizas inuteis.

A' tarde, porém, — tres horas — um camarada appareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei ! Está perto da bossoroca !...

— Vivo ? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta da casa e ao ouvir a boa nova exclamou, chorando e sorrindo:

— Bemdito sejas, meu Deus!...

Minutos depois partiamos todos de rumo á bossoróca e a cem passos della avistavamos um vulto ás voltas com os caféeiros requeimados. Approximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos, desvairados, tinha nas mãos uma lata de tinta e um pincel. Não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço. Continuou — continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafezal morto...

D. Anna, estarrecida, entreparou attonita. Depois, comprehendendo a tragedia, rompeu em chôro convulsivo:

— Louco... louco, meu Deus!

O BUGIO MOQUEADO

O BUGIO MOQUEADO

"UNO"!
Ugarte...
— "Dos"!

Adriano...

— "Cinco"!

Gaspar...

— ...

Má collocação. Tenho Villabona-Melchor-Gaspar, e já o azar, de saida, põe-me em primeiro Ugarte! Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem me estragou o triangulo. Querem ver que ainda nesta...

— "Mucho", Adriano!

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o sa-

que, e lá está Ugarte de ponto feito. Genúa, agora ? E' outro ponto — querem ver ?...

— "Mucho", Genúa !

Raio d'azar ! "Malou" ! Felizmente Melchor... Bravos! Uma cortada, agora!... "Buena, buena"! Outra — outra cortadinha!... Me... Na lata!... Incrivel!...

Ao meu lado conversavam dois sujeitos velhuscos.

—"... coisa que você nem acredita, dizia um delles. Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a martyr, branca como morta, deante do horrendo prato...

Horrendo prato ? !... Desinteressado do jogo, interessei-me por aquella mysteriosa historia. Approximei-me um pouco mais dos velhos e puz-me de ouvidos alerta.

— "Era longe, a tal fazenda, continuou o homem. Mas lá, em Matto-Grosso, tudo é longe. Cinco leguas é "alli", com o beiço. Dez, quinze leguas, é "lá", com a ponta do dedo. Este troco miudo de kilometros que vocês usam

por cá, em Matto-Grosso não tem curso. E' cada estirão !... Mas fui ver o gado. Queria arredondar uma ponta e quem me tinha os novilhos nas condições requeridas, de edade e preço, era esse coronel Theotonio, do Tremedal. Encontrei-o na mangueira, assistindo á domação dum potro — zaino, inda me lembro... E palavra d'honra ! não me recordo ter esbarrado nunca typo mais impressionante. Barbudo, olhinhos de cobra, duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei commigo: dez mortes, no minimo. Porque lá é assim. Não ha soldados rasos. Todo o mundo traz galões... e aquelle, ou muito me enganava, ou tinha divisas de general, pelo menos !... Lembrou-me logo o celebre Pamphilo do Rio Verde, um de "doze galões", que "resistiu" ao tenente Gallinha, e graças a esse benemerito "escumador de sertões", purga a est'hora os peccados no tacho de Pedro Botelho.

Mas, importava-me lá a féra ! — eu queria gado, pertencesse a Belzebuth ou a S. Gabriel.

Expuz-lhe o negocio e partimos para o que elle chamava a invernada de fóra. Lá escolhi o lote que me convinha. Apartamol-o e ficou tudo resolvido. De volta do rodeio, cahia a tarde, e eu, almoçado ás oito da manhã, e sem um café de permeio até aquell'hora, chiava numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsão inspirada pelo urutú, acceitei-lhe o jantar offerecido.

Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janellas, mal illuminado, mal arejado, desagradavel de aspecto, por isso mesmo toava na perfeição com a cara e os modos do proprietario. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz o povo, e diz muito bem. A sala de jantar semelhava uma alcova. Além de escura, e abafada, rescendia a um cheiro esquisito, nauseante, que me nunca mais saiu do nariz — cheiro assim de carne mofada !...

Sentamo-nos á mesa, eu e elle, sem que viva alma surgisse a nos fazer companhia. E como de dentro não viesse nenhum rumor, conclui

que o urutú morava só — solteiro ou viuvo. Interpellal-o ? Nem por sombras. A seccura e a má cara do facinora não davam lado á minima expansão de familiaridade; e, ou fosse real ou effeito do ambiente, pareceu-me elle em casa inda mais torvo que fóra, em pleno sol.

Havia na mesa feijão, arroz e lombo, além dum mysterioso prato coberto em que se não buliu. Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio a mofo, puz de lado o nariz, achei tudo bom, e entrei a comer por dois. Correram assim os minutos. Em dado momento o urutú, tomando a faca, bateu no prato tres pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei. Esperou um boccado e como não apparecesse ninguem, repetiu o appello, com certo frenezi. Attenderam-no, desta vez. Abriu-se, devagarinho, uma porta e enquadrou-se nella um vulto branco de mulher. Somnambula ? Tive essa impressão. Sem pinga de sangue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadaverica, dir-se-ia emersa do tumulo naquelle momento. Ap-

proximou-se, lenta, com passos de automato, e sentou-se, baixando a cabeça. Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabolico do urutú, aquella morta-viva morre-morrendo a meu lado, tudo se conjugava para arrepiar-me as carnes num calafrio de pavor. Em campo aberto não sou medroso — ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em scena o mysterio? Ah!—bambeio de pernas e tremo que nem mulher nervosa! Foi assim naquelle dia...

Mal sentou-se a morta-viva, o marido, sorrindo, empurrou para o seu lado o prato mysterioso e destampou-o amavelmente. Dentro havia um petisco preto que não pude identificar. A mulher, ao vel-o, estremeceu, como horrorizada.

— "Sirva-se !" disse o marido.

Não sei porque, mas esse convite revia uma tal crueza que me cortou a alma como navalhada de gelo. Presenti um horror de tragedia, dessas horrorosas tragedias familiares, vividas

dentro de quatro paredes, sem que de fóra ninguem jámais as suspeite. Desde ahi nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios que os não imagine logo povoados de dramas horrendos. Falam-me de hyenas... Conheço uma: o homem...

Como a morta-viva permanecesse immovel, o urutú humano repetiu o convite, em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.

— "Sirva-se, faça o favor! E fisgando, elle mesmo, a nojenta coisa, collocou-a gentilmente no prato da mulher.

Novas tremuras agitaram a martyr. Seu rosto macillento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente electrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupillas vitreas, e ficou assim uns instantes, como á espera dum milagre impossivel. Naquelles olhos de desvario li o mais pungente grito de soccorro que jámais a afflicção humana calou...

O milagre não veio — infame que fui! — e

aquelle lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de palpebras. Os tiques nervosos diminuiram de frequencia, cessaram. A cabeça descaiu-lhe de novo para o seio, e a morta-viva, revivida um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo somnambulico. Emquanto isso, o urutú espiava-nos de esguelha, e ria-se por dentro, venenosamente...

Que jantar! Verdadeira cerimonia funebre transcorrida num escuro carcere da Inquisição. Nem sei como digeri aquelles feijões!

A sala tinha tres portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, e terceira para a dispensa. Com os olhos já affeitos á escuridade eu divisava melhor as coisas, e, emquanto aguardavamos o café, corri-os pelas paredes, pelos moveis, distrahidamente. Depois, como a porta da dispensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ella a dentro. Vi lá umas brancuras pelo chão — saccos de mantimento — e, pendurado a um gancho, uma coisa preta que

me intrigou. Manta de carne secca ? Roupa velha ? Estava de rugas na testa, a decifrar a charada, quando o urutú, percebendo-o, silvou em tom cortante:

— E' curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...

Vexadissimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engulir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso, o homem, depois duma pausa, continuou, entre manso e ironico:

— Coisas da vida, moço. Aqui a patrôa péla-se por um naco de bugio moqueado, e alli dentro está um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço ?

— Nunca ! Seria para mim o mesmo que comer gente...

— Pois não sabe o que perde !... philosophou elle diabolicamente piscando os olhinhos de cobra.

Aqui o jogo interrompeu a historia. Melchor estava collocado e Gaspar, com tres pontos, sacava para Ugarte. Houve luta, mas um "cama-

rote" infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. "Pintou" a 13, que eu não tinha; jogo vae, jogo vem, despintou a 13 e deu a 23. Pela terceira vez Ugarte estragara-me o triangulo. Quiz insistir, mas não pude. A historia estava no apogêo e antes "perder de ganhar" a proxima quiniela do que perder um capitulo da tragedia. Fiquei no logar, attento, a ouvir o sujeito que continuava a sua historia, pachorrentamente:

— "Quando me vi na estrada, longe daquelle antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira: aqui, nunca mais! Credo! E abri de galopada pela noite a dentro...

Passaram-se annos. Um dia, em Tres Corações, tomei a serviço um preto de nome Estevão. Traquejado da vida, e serio, mezes depois virava Estevão a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma commissão de confiança, não havia outro. Negro, quando acerta de ser bom, vale por dois brancos. Estevão ia além — valia tres. Mas não me

bastava. O movimento crescia e elle sózinho não dava conta do recado. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o valesse perguntei-lhe uma vez:

— Não teria você, por acaso, algum irmão da sua força ?

— Tive, respondeu o preto, tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...

— De que morreu ?

— De morte matada. Foi morto a rabo de tatú... e comido.

— Comido ? repeti com assombro.

— E' verdade. Comido por uma mulher.

A historia complicava-se e eu, aparvalhado, esperei a decifração.

— Leandro, continuou elle, era um rapaz bem apessoado, e bom para todo o serviço. Trabalhava no Tremedal, numa fazenda em...

—... em Matto Grosso ? Do coronel Teotonio ?

— Isso ! Como sabe ? Ah ! esteve lá !... Pois dê graças de estar vivo, que entrar na casa

do carrasco era facil, mas sahir ? !... Deus que me perdôe, mas aquillo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabú do canhoto botou no mundo !...

— O urutú... murmurei, recordando-me. E' isso mesmo...

— Pois o Leandro — não sei que intrigante malvado inventou que elle... que elle, com perdão da palavra, andava com a patrôa, uma senhora muito branca, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduina, mulata amiga do coronel. Mas, innocente ou não, o caso foi que o pobre do Leandro acabou no tronco, lanhado a chicote. Uma novena de martyrio, "lepte ! lepte !" E pimenta em cima... Morreu. Depois que morreu, foi moqueado.

— ? ? ?

— Pois então ! Moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem. Penduraram-lhe a carne na dispensa e todos os dias vinha á mesa um

pedacinho delle, para a patrôa comer... A coitada..."

Mudei-me de logar. Fui assistir o fim da quiniela a cincoenta passos de distancia. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, olhava para a "cancha" mas não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu ou não deu a 13...

O JARDINEIRO TIMOTHEO

O JARDINEIRO TIMOTHEO

O CASARÃO da fazenda era ao geito das velhas moradas coloniaes: — frente com varanda, uma ala e pateo interno. Aqui ficava o jardim, tambem elle á moda antiga, cheio de plantas antigas cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta annos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timotheo, um preto branco por dentro que os annos começavam a branquear por fóra. Timotheo o plantou quando a fazenda se abria, e a casa inda cheirava a reboco fresco e tintas d'oleo recentes, e desd'ahi — lá se iam quarenta annos — ninguem mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim".

Verdadeiro poeta, o bom Timotheo—não desses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia subtil das coisas. Compuzera, sem o saber, um maravilhoso poema, onde cada plantinha era um verso que só elle sabia, verso vivo—risonho ao reflorir annual da primavera, desmedrado e soffredor quando Junho sibilava no ar os lategos do frio. Memoria da casa, naquelle jardim tudo correspondia a uma significação familiar, de suave encanto, e assim foi desd'o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem, rescendente a escavação. O canteiro principal consagrára-o Timotheo ao "Sinhô velho", tronco da estirpe e generoso amigo que lhe déra carta d'alforria muito antes da lei aurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos, recem-vindos do forno para alli inda quentes, e embutidos no chão como rude cingulo de coral; hoje esses tijolos, semi-desfeitos pela usura do tempo e tão doceis que a unha os penetra, esverdejam no debrum sombrio dos verdes musgos da velhice.

— Velludo de muro velho, é como chama Timotheo a essa muscinea invasora, filha da sombra e da humidade. E é bem isso; que ella fóge sempre aos muros novos, reseccos, vidrentos, esfogueados de sol para estender devagarinho o seu velludo vanguardeiro da tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido pelo caruncho e todo aberto em fendas d'onde espiam lagartixas.

Havia no centro um nodoso pé de jasmim do Cabo, de galhos negros, e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permittiu que outra planta vencesse em altura.

— Tenha paciencia, minha negra !— conversava elle com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céo vergonteas audazes. Tenha paciencia, que aqui ninguem olha de cima para o "Sinhô-velho".

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerarios.

Cercando o jasmineiro havia uma corôa de piriquitos, e outra, menor, de cravinas. Mais nada.

— Elle era homem simples, pouco amigo de complicação. Fique alli só com o piriquito e as irmãsinhas do cravo.

Dos outros canteiros, dois eram em fórma de coração.

— Este é o de Sinházinha; e como ella em dia ha de casar, fica a par d'elle o canteiro do "Sinhô-moço".

O canteiro de Sinházinha era de todos o mais garrido, dando bem a imagem d'um coração de mulher, rico de todas as flores do sentimento. Sempre em flôr, tinha a propriedade de deter os olhos de quantos penetravam no jardim: — tal qual a moça, que desde menina se habituára a monopolizar os carinhos da familia e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto que, ao romper da liberdade, nenhum teve animo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez captivo de Sinházinha, podia jámais romper as algemas da doce escravidão? Assim ella na familia, assim o canteiro della entre os demais. Livro aberto, symbolo vivo, chronica vegetal, dizia pela bocca das flores to-

da a sua vidinha de moça. O pé de flôr-de-noiva, primeira planta séria alli brotada, marcava o dia em que a pediram em casamento. Até então só vicejavam nelle flores alegres de criança: — esporinhas, boccas-de-leão, borboletas; ou flores amaveis da adolescencia: — amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, myosotis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timotheo os primeiros tufos de violeta:

— Começa a soffrer...

E no dia em que lhe morreu esse mallogrado botãosinho de carne rosea, o jardineiro em lagrimas fincou em terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda varias substituições; as alegres damas-entre-verdes cederam o logar aos suspiros roxos e a sempre-viva foi para o cantinho onde viçavam as ridentes boccas-de-leão.

Já o canteiro do "Sinhô-moço" revelava intenções symbolicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas

de espinhos, palmas de Santa Rita, de folhas laminadas e flôres rubras, junquilhos nervosos.

E tudo o mais assim.

Timotheo compunha os annaes da familia, annotando no jardim, um por um, todos os factos d'alguma significação. Depois, exaggerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diario da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hospede, uma geada mais forte, um cavallo de estimação que morria — tudo, tudo memorava elle, com hieroglyphos vegetaes, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa familia do Rio—pae, mãe e tres sapequissimas filhas — lá ficou assignalada por cinco pés de "ora-pro-nobis". E a venda do picaço calçudo, o melhor cavallo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela póda d'um galho ao jasmineiro.

Além desta commemoração anecdotica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno

ou animal domestico. Havia a roseira-chá da Liduina, mucama de Sinházinha; o sangue-de-Adão do Tiburcio, cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesaria, sirigaita enredeira, de cara fuchicada, como essa flôr. O Vinagre, o Meteoro, a Mangerona, a Tetéa, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pésinho de flôr, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpetuas. O cão mais intelligente da casa, Othelo, morto hydropho, teve as honras d'uma sempre-viva rajada.

— Quem ha de esquecer um bicho daquelles, que até parecia gente ?

Tambem os gatos tinham memoria. Lá estava a cineraria da gata branca, morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembrativo do velho Romão.

Ninguem, a não ser Timotheo, colhia flôres no jardim. Sinházinha tolerava aquillo desde o dia em que elle lhe explicou:

— Não sabem, Sinházinha ! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguem sabe apanhar flôres !...

Era verdade. Só elle sabia escolhel-as com intenção e sempre de accordo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de annos da moça, Timotheo combinava os buquês como estrophes vivas. Colhia-as resmungando:

— Perpetua ? Não. Você não vae para a mesa hoje. E' festa alegre. Nem você, dona violetinha !... Rosa-maxixe ? Ah ! ah ! Tinha graça, a Cesaria em festa de branco !...

E sua tesoura ia cortando os caules com sciencia de mestre. A's vezes parava, a philosophar:

— Ninguem se lembrará hoje do anjinho... P'ra que, então, goivo nos vasos ? Quietinho, fique ahi o meu Senhor dos Passos, que não é flôr de vida, é flôr de cemiterio...

E sua linguagem de flôres ? Suas ironias, nunca percebidas de ninguem ? Seus louvores, de ninguem suspeitados ? Quantas vezes não poz na mesa, sobre um prato, um aviso a um hospede, um lembrete á patrôa, uma censura ao senhor, compostos sob a fórma de ramilhete ?

Ignorantes da lingua do jardim, riam-se elles da maluquice do Timotheo, incapazes de lhe alcançar as intenções.

Timotheo era feliz. Raras creaturas realizam assim na vida mais formoso delirio de poeta. Sem familia, creára uma familia de flôres; pobre, vivia ao pé de um thesouro.

Timotheo era feliz. Trabalhava por amor, conversando com a terra e com as plantas, embora a copa e a cozinha implicassem com aquillo:

— Que tanto resmunga o Timotheo ! ? Fica ali mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio d'uma criançada...

E' que as flôres se transfiguravam em seres vivos ante sua imaginação. Tinham cara, olhos, ouvidos. Diziam-lhe coisas, sussurravam queixas... O jasmineiro, pois não é que lhe dava a bençam todas as manhãs ? Mal Timotheo apparecia, murmurando: — A bençam, Sinhô — e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre:

— Deus te abençôe Thimoteo.

Contar isso aos outros, nunca !—Está louco! haviam de dizer; mas bem que as plantinhas falavam...

— E como não hão de falar, se tudo é creatura de Deus, hom'essa !...

E dialogava com ellas:

— Contentinha, hein ? Bôa chuva a de hontem, não ?

— ...

— Sim, lá isso é verdade. As miudas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grillo voltou ? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo elle !

E punha-se a procurar o grillo. Achava-o.

— Seu malfeitor !... Quero ver se continua agora a judiar das flôres — dizia, enterrando-o.

— Vira esterco, diabinho !

Pelo tempo da secca, era um regalo ver Timotheo a choviscar amorosamente sobre as flôres, com o seu velho regador.

— O sol sécca a terra ? Bobice !... Como se o Timotheo não vivesse no mundo... Chega,

tambem, ué ! Então quer sósinho um regador inteiro ? Bôa moda ! Não vê que esta esporinha está com a lingua de fóra ? E esta bocca-de-leão, ah ! ah ! está mesmo com uma bocca de cachorro que correu veado ! Tome lá, beba, beba ! E você tambem, seu resedá, tome lá seu banho para depois casar com esta dona hortencia, moça bonita de "zôio" azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de enamorado no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesaria.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais !...

Só a moça, com o seu fino instincto de mulher, lhe comprehendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha margarida deste anno !

Ella, fingidamente, extasiava-se ante a flôr e punha-a no corpete:

— Que belleza !

Certa vez falou-se em reforma do jardim.

— Precisamos mudar isto—lembrou o moço, de volta d'um passeio a São Paulo. Ha tanta flôr moderna, linda, enorme, e nós toda a vida com estas cinerarias, estas esporinhas, estas flôres caipiras... Vi lá crysandhalias magnificas, crysanthemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, enorme, que até parece flôr artificial !...

Timotheo, quando soube da conversa, sentiu gelo no coração. E foi agarrar-se á moça. Elle tambem conhecia essas flôres de fóra, vira crysanthemos em casa do coronel Barroso e vira as taes dhalias mestiças no peito d'uma faceira, no leilão do Espirito Santo.

— Mas aquillo nem é flôr, Sinhá ! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as creaturas de Deus. Elles lá que as plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de familia.

Aquella dhalia rajada, está vendo ? E' singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma boa menina de sainha de chita côr de rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda, mas sem coração, nem fé ? De manhã "fica assim" de abelhas e cuitelos em roda della !... E elles sabem, elles conhecem quem merece e quem não merece. Se as da cidade fossem de mais estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão para lá ? Não, Sinhá ! E' preciso tirar essa idéa da cabeça de Sinhô-moço. Elle é criança ainda, não sabe a vida. E' preciso respeitar as coisas de d'antes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah ! Bem sentira-se Timotheo tomado d'aversão pela familia dos "ora-pro-nobis" ! Presentimento puro... O "ora-pro-nobis" pae voltou, e esteve alli uma semana em conciliabulo com o moço. Ao fim desse tempo explodiu como bomba a grande noticia: es-

tava negociada a fazenda, devendo a escriptura passar-se dentro de poucos dias.

Timotheo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Naquella edade, tal mudança equivalia-lhe a um fim de tudo. Correu a agarrar-se á moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timotheo arrumarem-se no troly os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituia a alma do velho patrimonio.

— Adeus, adeus, Timotheo ! disseram alegremente os senhores-moços, accommodando-se no vehiculo.

E lá se partiu o troly, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Timotheo, pela primeira vez na vida, esqueceu de regar o jardim. Ficou plantado num canto do pateo, a esmoer, o dia inteiro, um pensamento doloroso:

— Branco não tem coração...

Os novos proprietarios eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa franzindo o nariz a tudo.

— Velharias, velharias !...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobilia de cabiuna puzeram moveis pechisbeques, com velludinhos e frisos doirados. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um "hall", mil coisas exquisitas... Deante do jardim abriram-se em gargalhadas:

— E' incrivel ! Um jardim destes, cheirando a Thomé de Souza, em pleno seculo das crysandhalias !

E correram-no todo, a rir, a rir, como perfeitos malucos.

— Olha, Yvette, esporinhas ! E' inconcebivel que inda haja esporinhas no mundo ! Que degradação !...

— E piriquito, Odette ! Pi-ri-qui-to ! ! — disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timotheo ouvia aquillo com a morte nalma. Não havia duvida, era o fim de tudo, como presentira: aquelles bugres da cidade arrazariam a casa, o jardim e tudo quanto lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno...

E' o jardim foi condemnado. Mandariam vir o Ambrogi, para traçar um plano novo, de accordo com a arte modernissima dos jardins inglezes. Reformariam as flôres todas, plantando as ultimas creações da floricultura allemã. Ficou decidido assim.

— E para não perder tempo, emquanto o Ambrogi não chega, ponho aquelle macaco a me arrazar isto — disse o marido, apontando para Timotheo.

— O' tição, vem cá !

Timotheo approximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficas encarregado de limpar este matto e deixar a terra núasinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arraza-me isto, bem arrazadinho, entendes ?

Timotheo, tremulo, mal pôde engrolar uma palavra:

— Eu ?...

— Sim, tu ! Por que não ?

O velho jardineiro, atarantado e fóra de si, repetiu a pergunta:

— Eu ? Eu, arrazar o jardim ?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audacia, sem nada comprehender daquella resistencia.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E, não podendo mais conter-se, explodiu, num assomo estupendo de colera, o primeiro e o unico da sua vida:

— Eu vou, mas é embora daqui, morrer lá na porteira, como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto ha de virar uma tapera de lacraias ! A geada ha de torrar o café. A peste ha de levar até as vaccas de leite ! Não ha de ficar nem uma gallinha, nem um pé de vassoura ! E a familia amaldiçoada, coberta de lepra, ha de comer na gamel-

la com os cachorros lazarentos !... Deixa estar, gente amaldiçoada ! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguem sabe o que é. Deixa estar, brancos de má casta ! Deixa estar, caninanas ! Deixa estar ! Deixa estar !

E, fazendo o gesto fatidico, com a mão espalmada, saiu ás arrecúas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

— Deixa estar ! Deixa estar !...

E, longe, na porteira, inda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

— Deixa estar !...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos vôos de sombra pelas estradas desertas. O céo era todo um recamo fulgurante de estrellas. Os sapos coaxavam nos brejos e os vagalumes, ás piscadelas, punham piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida, para o resurgir do dia seguinte.

Só não resurgiria Timotheo. Lá agoniza elle ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã, enrijecido pelo relento, de bôrco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda, num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar !...

PANTOMIMA

O COLLOCADOR DE PRONOMES

O COLLOCADOR DE PRONOMES

ALDROVANDO Cantagallo veio ao mundo em virtude dum erro de grammatica.

Durante sessenta annos de vida terrena pererecou como um perú em cima da grammatica.

E morreu, afinal, victima dum novo erro de grammatica.

Martyr da grammatica, fique este documento da sua vida preposto a pedra angular da sua futura e bem cavada canonização.

Havia em Itaóca um pobre moço que definhava de tedio no fundo dum cartorio de paz. Escrevente. Vinte e tres annos. Magro. Ar um

tanto palerma. Ledor de versos lacrimogeneos e pae duns "Acrosticos" dados á luz no "Itaóquense", com bastante successo.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou uma zarabatana venenosa de Cupido. Objecto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha do escrevente, então nos dezesete, e a do Carmo, encalhe da familia, vesga, madurota, hysterica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

Triburtino não era homem de brincadeiras. Esguelára um vereador opposicionista, em plena sessão de camara e desd'ahi transformou-se no tutú da terra. Toda a gente lhe tinha um vago mêdo, mas o amor, que é mais forte do que a morte, não receia sobrecenhos enfarruscados, nem tufos de cabello no nariz.

O escrevente ousou namorar-lhe a filha, apesar da distancia hierarchica que os separava. Namoro á antiga, já se vê, que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na

egreja, á missa, troca de olhares, dialogo de flores — o que havia de mais innocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrar-se no bolsinho de cima e medição de passos na rua d'Ella, em dias de folga.

Depois, a serenata fatal á esquina, com o

Acorda, donzella...

sapecado a mêdo num velho pinho de emprestimo. Depois, um bilhetinho perfumado.

Aqui se estrepou... Escrevera nesse bilhetinho, entretanto, apenas quatro palavras, afóra pontos exclamativos e reticencias:

Anjo adorado!
Amo-lhe!...
?...

Para abrir o jogo, bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pae do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de tres dias de sobrecenho carregado, mandou chamar á sua pre-

sença o moço, com disfarce de pretexto:— para umas certidõezinhas, explicou.

Apesar disso o moço veio um tanto resabiado, com a pulga atrás da orelha.

Não lhe erravam os presentimentos. O coronel, mal o pilhou portas a dentro, tranca o escriptorio, fecha a carranca e diz:

— A familia Triburtino Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permittirei nunca — nunca, ouviu ? que contra ella se commetta o menor deslise.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho côr de rosa, desdobrou-o:

— E' sua esta peça de flagrante delicto ?

O escrevente, a tremer, balbuciou uma confirmação medrosa.

— Muito bem ! — continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então a minha filha e teve a audacia de o declarar... Pois agora...

O escrevente instinctivamente ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos á janella, sondando uma retirada estrategica.

—... é casar! — concluiu de imprevisto o vingativo pae.

O escrevente resuscitou. Abriu os olhos e a bocca, num pasmo. Depois, tornando a si, commoveu-se e com lagrimas nos olhos disse, gaguejante:

— Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano!... Agora vejo com que injustiça o julgam ahi fóra!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões:

— Nada de phrases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solennemente noivo de minha filha!

E voltando-se para dentro gritou:

— Do Carmo! venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro:

— Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

— Sei onde trago o nariz, disse. Vassuncê es-

creveu este bilhete á Laurinha dizendo que ama-"lhe". Se amasse a ella deveria dizer amo-"te". Dizendo — amo-lhe — declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não póde ser senão a do Carmo. Salvo se declara amor á minha mulher !...

— Oh, coronel...

— ... ou á preta Luzia, cozinheira — escolha !

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lagrima a escorrer rumo á asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragedia. Por fim, o coronel, batendo-lhe no hombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua grammatica matrimonial:

— Os pronomes, como sabe, são tres: da primeira pessoa — quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa — a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa — de quem se fala, e neste caso do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

Não havia fuga possivel.

O escrevente ergueu os olhos e viu do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo, "pró fórma", a ponta do avental. Viu tambem sobre a secretária uma garrucha com espoleta nova, ao alcance do machiavelico pae. Submetteu-se, e abraçou a urucáca, emquanto o velho, estendendo as mãos, dizia theatralmente.

— Deus vos abençôe, meus filhos !

Um mez depois, solennemente, casavam-no com o encalhe, e onze mezes mais tarde vagia nas mãos da parteira o futuro professor Aldrovando, conspicuo sabedor da lingua que, durante cincoenta annos a fio, coçou na grammatica a sua incuravel sarna philologica.

Até os dez annos não revelou Aldrovando pinta nenhuma. Menino vulgar, tossiu a coqueluche em tempo proprio, teve o sarampo da praxe, mais a cachumba e a catapora. Mais tarde, no collegio, emquanto os outros enchiam as horas de estudo com invenções de matar o tempo — empalamento de moscas e moidellas das respectivas cabecinhas entre duas folhas de pa-

pel, coisa de ver o desenho que sae—Aldrovando apalpava com emoção erotica a obesa grammatica de Augusto Freire da Silva. Era o latejar do furunculo philologico que o determinaria na vida, para matal-o, afinal.

Deixemol-o, porém, evoluir e tomemol-o quando nos serve, aos 40 annos, já a descer o morro, arcado ao peso da sciencia e combalido de rins. Lá está elle em seu gabinete de trabalho, fossando, á luz dum lampeão, os pronomes de Felinto Elysio. Corcovado, magro, secco, d'oculos de latão no nariz, créca, celibatario impenitente, dez horas de aulas por dia, duzentos mil réis por mez e o rim volta e meia a fazer-se lembrado.

Já leu tudo. Sua vida foi sempre o mesmo insulso idyllio com as veneraveis costaneiras onde cabeceiam os classicos lusitanos. Versou-os, um por um, com mão diurna e nocturna. Sabe-os de cór, conhece-os pela morrinha, distingue pelo faro uma sécca de Lucena duma esfalfa de Rodrigues Lobo.

Digeriu todas as patranhas de Fernão Mendes Pinto. Obstruiu-se da brôa encruada de Fr. Pantaleão de Aveiro. Na edade em que os rapazes correm atrás das raparigas, Aldrovando escabichava belchiores, na pista dos mais esquecidos mestres da boa arte de maçar. Nunca dormiu entre braços de mulher. A mulher, o amor — mundo, diabo, carne, eram para elle os alfarrabios freiraticos do quinhentismo, em cuja soporosa verborrhéa espapaçava os instinctos lerdos, como porco no lameiro.

Em certa época viveu annos a fio acampado em Vieira. Depois, vagamundeou, qual um selvagem nú, pelas florestas de Bernardes.

Aldrovando nada sabia do mundo actual. Despresava a natureza, negava o presente. Passarinho conhecia um só: o rouxinol de Bernardim Ribeiro, e se acaso o sabiá de Gonçalves Dias vinha bicar "pomos de Hesperides" na laranjeira do seu quintal, Aldrovando esfogueteava-o com apostrophes:

— Salta fóra, regionalismo de má sonancia!

A lingua lusa era-lhe um tabú sagrado que attingira á perfeição com Fr. Luiz de Souza, e dahi para cá, salvo lucilações esporadicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco.

— A ingrezia d'hoje, declamava, está para a Lingua, como está o cadaver em putrefacção para o corpo vivo.

E suspirava, condoido dos nossos destinos:

— Povo sem lingua... Não me sorri o futuro de Vera-Cruz !...

E não lhe objectassem que a lingua é organismo vivo e que a temos a evoluir na bocca do povo.

— Lingua? Chama você lingua á garabulha bordalenga que estampam periodicos ? Cá está um desses gallicigraphos. Deletreemol-o, ao acaso.

E, baixando as cangalhas, lia:

— "Teve logar hontem!..." E' lingua esta espurcicia negral ? Oh, meu seraphico Frei Luiz, como te conspurcam o divino idioma, estes sarrafaçaes da moxinifada !"

E continuava:

— "... no Trianon..." Por que, Trianon? Por que este perenne barbarisar com alienigenos arrevezos? Tão bem ficava — a Bemfica, ou, se querem neologismo de bom cunho — o Logratorio... Tarelos é que são, tarelos!"

E suspirava, compungido devéras:

— Inutil proseguir. A folha inteira cacographa-se por este teor. Ai! onde foram as boas letras d'antanho? Fez-se perú o niveo cysne. Ninguem attende á lei summa: — Horacio. Impera o desprimor, e o máo gosto vige como suprema regra. A gallica intrujice é maré sem vasante. Quando penetro num livreiro confrange-se-me o coração ante o pelago de operas barbarescas que nos vertem cá mercadores de má morte. E é de notar, outrosim, que a ellas se vão as preferencias do vulgacho. Não muito faz vi com estes olhos um gentil mancebo preferir uma sordicia de Octavio Mirbello — "Canhenho duma dama de servir", creio, á... adivinhe ao quê, amigo? A' "Carta de guia" do meu divino Francisco Manoel!...

— Mas a evolução...

— Basta. Conheço ás sobejas a escholastica da época, a "evolução" darwinica, os vocabulos macacos — pithecophonemas que "evolveram", perderam o pêlo e se vestem hoje pela moda de França, com vidro no olho. Por amor a Frei Luiz, que alli daquella costaneira, escandalizado nos ouve, não remanche o amigo na esquipatica sesquipedalice.

Um biographo, ao molde classico, separaria a vida de Aldrovando em duas phases distinctas: a estatica, em que apenas accumulou sciencia, e a dynamica, em que, transfeito em apostolo, veio a campo, com todas as armas, para contrabater o monstro da corrupção.

Abriu campanha com um memoravel officio ao congresso, pedindo leis repressivas contra os ácaros do idioma:

— "Leis, senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcaçares de granito á defensão do idioma prepostos. Mister sendo, a forca se restaure, que mais o baraço merece

quem conspurca o sacro patrimonio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira. Vêde, senhores, os pronomes, em que lazeira jazem..."

Os pronomes, ai ! eram elles a tortura permanente do professor Aldrovando. Doia-lhe, como punhalada, vel-os por ahi pre ou pospostos contra regras elementares do dizer castiço. E sua representação alargou-se nesse pormenor, flagellante, concitando os paes da patria á creação dum Santo Officio grammatical.

Os ignaros congressistas, porém, riram-se da memoria, e grandemente piaram sobre Aldrovando as mais crueis chalaças.

— Quer patibulo para os máos collocadores de pronomes ! Isso seria auto-condemnarmonos á morte ! Tinha graça !

Tambem lhe foram á pelle os jornaes, com pilherias soezes. E, depois, o publico. Ninguem alcançara a nobreza do seu gesto, e Aldrovando, com a mortificação nalma, teve que mudar de rumo. Planeou recorrer ao pulpito dos jor-

naes. Para isso mister foi, antes de nada, vencer o seu velho engulho pelos "gallicigraphos de papel e graxa". Transigiu e, breve, desses "pulmões da publica opinião", apostrophou o paiz com o verbo tonante de Ezequiel. Encheu columnas e columnas de objurgatorias ultra violentas, escriptas no mais estreme vernaculo.

Mas não foi entendido. Raro leitor mettia os dentes naquelles interminaveis periodos, engrenados á moda de Lucena; e, ao cabo da asperrima campanha, viu que prégara em pleno deserto. Leram-n'o, apenas, a meia duzia de Aldrovandos que vegetam sempre em toda a parte, como notas resinguentas da symphonia universal.

A massa dos leitores, entretanto, essa permaneceu illesa dos flammivomos pelouros de sua colubrina sem raia. E, por fim, os "periodicos" fecharam-lhe a porta no nariz, allegando falta de espaço e mais coisas.

— Espaço não ha para as sãs idéas, objurgou o enxotado, mas sobeja, e pressuroso, para

quanto rescende á podriqueira... Gomorrha! Sodoma! Fógos do céo virão um dia alimpar-vos a gafa!... exclamou, prophetico, sacudindo á soleira duma redacção o pó das cambaias botinas de elastico.

Tentou em seguida uma acção mais directa, abrindo consultorio grammatical.

— Têm-nos os physicos (queria dizer medicos), os doutores em leis, os charlatas de toda a especie. Abra-se um para a medicação da grande enferma, a lingoa. Gratuito, já se vê, que me não move amor de bens terrenos.

Falhou a nova tentativa. Apenas as moscas vagabundas vinham esvoejar em torno da sciencia que se offerecia na salinha modesta do apostolo. Creatura humana, uma só, siquer, não veiu alli remendar-se philologicamente.

Elle não esmoreceu, todavia:

— Experimentemos processo outro, mais suasorio.

E annunciou a montagem da "Agencia de

Collocação de Pronomes e Reparos Estylisticos".

Quem tivesse um autographo a rever, um memorial a expungir de cincas, um calhamaço a compôr-se com os "affeites" do lidimo vernaculo fosse lá, que, sem remuneração nenhuma, nelle far-se-ia obra limpa e escorreita.

Era bôa a idéa, e logo vieram os primeiros originaes necessitados do orthopedia, sonetos a concertar pé de versos, officios ao governo pedindo concessões, cartas de amor. Taes, porém, eram as reformas que nos doentes operava Aldrovando que os autores não mais reconheciam suas proprias obras. Um dos clientes chegou a reclamar:

— Professor, v. s. enganou-se. Pedi limpa de enxada nos pronomes, mas não que me traduzisse a memoria em latim...

Aldrovando ergueu os oculos para a testa:

— E traduzi em latim o tal ingranzéo ?

— Em latim ou grego, pois que o não consigo entender...

Aldrovando impertigou-se.

— Pois, amigo, errou de porta. Seu caso é alli, com o alveitar da esquina !...

Pouco durou a Agencia, morta á mingoa de clientes; teimava o povo em permanecer empapado no charfudeiro da corrupção...

O rosario de insuccessos, entretanto, em vez de desalentar, exasperou o apostolo.

— Hei de influir na minha época. Aos tarelos hei de vencer. Fogem-me á férula os maráos de páo e corda ? Ir-lhes-ei empós, filal-os-ei pela gorja !... Salta rumor !

E foi-lhes "empós". Andava pelas ruas examinando disticos e taboletas com vicios de lingoa. Descoberta a "asnidade", ia ter com o proprietario, contra elle desfechando os melhores argumentos catechistas. Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma taboleta — "Ferra-se cavallos" — escoicinhava a santa grammatica.

—Amigo, natural a mim me parece que érres,

alarve que és. Se erram paredros, nesta época de ouro da corrupção !...

O ferreiro poz de lado o malho e entreabriu a bocca.

— Mas da boa sombra do teu focinho espero que ouvidos me darás. Naquella taboa um dislate existe que sériamente á lingua lusa offende. Venho pedir-te em nome do asseio grammatical, que o expunjas.

— ? ? ?

— Que reformes a taboleta, digo.

— Reformar a taboleta ? Uma taboleta nova, com licença paga ? Estará acaso rachada ?

— Physicamente, não. A racha é na syntaxe. Fogem alli os dizeres á sã grammaticalidade.

— Macacos me lambam se estou entendendo o que v. s. diz...

— Digo que está a fórma verbal com eiva grave. O "ferra-se" tem que cair no plural, pois que a fórma é passiva e o sujeito é "cavallos".

O ferreiro abriu o resto da bocca.

— O sujeito sendo "cavallos" a fórma verbal é "ferram-se" — "Ferram-se cavallos"!

— Ahn, respondeu o ferreiro, começo agora a comprehender. Diz v. s. que...

— ... que "Ferra-se cavallos" é um solecismo horrendo e o certo é "Ferram-se cavallos".

— V. s. me perdôe, mas o sujeito que ferra os cavallos sou eu, e eu não sou plural. Aquelle "se" da taboleta refere-se aqui a este seu criado. E' como quem diz: Serafim ferra cavallos — Ferra Serafim cavallos. Para economisar tinta e taboa abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavallos. Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.

Aldrovando ergueu os olhos para o céo e suspirou.

— Ferras cavallos e bem merecias que te fizessem elles o mesmo!... Mas não discutamos. Offereço-te dez mil réis pela admissão dum "m" alli...

— Se v. s. paga...

Bem empregado dinheiro ! A taboleta surgiu no dia seguinte desolecismada, e, de tanto gosto, o professor todas as tardes passava por lá, a gosar o enlevo da primeira victoria.

Por mal seu não durou muito o regalo. Coincidindo a enthronização do "m" com máos negocios na officina, o supersticioso ferreiro attribuiu a macaca á alteração dos dizeres, e lá raspou o "m" do professor.

A cara que Aldrovando fez quando no passeio desse dia deu com a sua victoria borrada! Entrou, furioso, pela officina a dentro, e mascava já uma apostrophe de fulminar, quando o ferreiro, ás brutas, lhe barrou o passo:

— Chega de caraminholas, ó barata tonta! Quem manda aqui, no serviço e na lingoa, sou eu. E é ir andando que se não ferramol-o já com um bom par de ferros inglezes !...

O martyr da lingua metteu a grammatica entre as pernas e muscou-se. E parando na rua, com olhos compadecidos daquella honrada estupidez,

— "Sancta simplicitas!" murmurou, suspirando. E, triste como se lhe morresse a mãe, retornou á casa em busca das consolações seraphicas de Fr. Heitor Pinto. Mas lá, entre as costaneiras centenarias, não mais reteve as lagrimas, chorou.

O mundo estava perdido e os homens, sobre maus, eram impenitentes. Não havia desvial-os do ruim caminho. E elle, velho, com o rim a resingar, não se sentia com forças para a continuação da guerra.

— Não hei de acabar, porém, antes de dar a prélo um grande livro, onde compendie a muita sciencia que hei accumulado.

E emprehendeu a realização de um vastissimo programma de estudos philologicos. Encabeçaria a série um tratado sobre a collocação dos pronomes, ponto onde mais claudicava a gente de Gomorrha. Fel-o, e foi feliz nesse periodo de vida em que, alheio ao mundo, todo se concentrou, dia e noite, na obra magnifica. Saiu

trabuco volumoso, que daria tres tomos, de 500 paginas cada um, corpo miudo. Mas que proventos não adviriam para a lusitanidade! Todos os casos resolvidos para sempre, todos os homens de bôa vontade salvos da gafaria... O ponto fraco do brasileiro falar resolvido de vez... Maravilhosa coisa!

Prompto o primeiro tomo — "Do pronome "se" — annunciou a obra pelos jornaes, ficando á espera da chusma de editores que viriam disputal-a á sua porta. E por uns dias o apostolo sonhou as delicias da grande victoria literaria accrescida de gordos proventos pecuniosos.

Calculava em oitenta contos o valor dos direitos autoraes, que cederia por cincoenta, generoso que era. E cincoenta contos para um velho celibatario como elle, sem familia nem vicios, tinha a significação duma grande fortuna. Empatados em emprestimos hypothecarios sempre eram seus quinhentos mil réis por mez de renda, a pingar pelo resto da vida numa gavetinha onde até então nunca entrára pellega

maior de duzentos. Servia, servia!... E Aldrovando, contente, esfregava as mãos, de ouvido alerta, preparando phrases para receber o editor que vinha vindo...

Que vinha vindo, mas não veio, ai!... As semanas se passaram e nenhum representante dessa miseravel classe de judeus surgiu a chatinar o maravilhoso livro.

— Não me vêm a mim ? disse Aldrovando. Salta rumor! Pois me vou a elles!...

E saiu, em via sacra, a correr todos os editores da cidade.

Má gente ! Nenhum lhe quiz o livro em condições nenhumas. Torciam o nariz, dizendo: "não é vendavel", ou: "porque não faz antes uma cartilha infantil approvada pelo governo?" Aldrovando, com a morte nalma e o rim dia a dia mais derrancado, retesou-se nas ultimas resistencias.

— Fal-a-ei imprimir á minha custa ! Ah, amigos ! Acceito o cartel ! Sei pelejar com todas as armas e irei até ao fim. Bofé !...

Para lutar havia mister de dinheiro e bem pouco do vilissimo metal possuia na arca o alquebrado Aldrovando. Não importa ! Faria dinheiro, venderia moveis, imitaria Bernardo de Pallissy, e não morreria sem ter o gosto de acaçapar Gomorrha sob o peso da sua sciencia impresso. Editaria, elle mesmo, um por um, todos volumes da obra salvadora.

Disse e fez.

Passou esse periodo de vida alternando revisão de provas com padecimento de dores renaes. Venceu. O livro compoz-se, magnificamente revisto, primoroso na linguagem como não existia igual.

Dedicou-o a Fr. Luiz de Souza.

"A' memoria d'aquelle que me sabe as dores. — O autor."

Mas não quiz o destino que colhesse o já tremulo Aldrovando os fructos da sua obra. Filho dum pronome improprio, a má collocação d'outro pronome cortar-lhe-ia o fio da vida. Mui cor-

rectamente escrevera elle na dedicatoria "... d'aquelle que me sabe..." e nem poderia escrever d'outro modo um tão conspicuo collocador de pronomes. Máos fados intervieram, porém—até os fados conspiram contra a lingua ! — e por artimanha do diabo que os rege, empastellou-se na officina essa phrase. Vae o typographo e recompõe-na a seu modo... "d'aquelle que sabeme as dores..." E assim saiu nos milheiros de cópias da avultada edição.

Mas não antecipemos.

Prompta a obra e paga, ia Aldrovando recebel-a naquelle dia. Que gloria! Construira finalmente, o pedestal de sua propria immortalidade, ao lado direito dos summos cultores da lingua.

A grande idéa do livro, exposta no capitulo X — *Do methodo automatico de bem collocar os pronomes* — engenhosa applicação duma regra mirifica por meio da qual até os burros de carroça poderiam zurrar com grammatica, operaria como o "914" da syntaxe, limpando a lin-

gua da avariose produzida pelo espirocheta do pronomococus.

A excellencia dessa regra estava em possuir equivalentes chimicos de uso na pharmacopéa humana, de modo que um bom laboratorio, com a maior facilidade, reduzil-a-ia a ampolas para injecções hypodermicas ou a pilulas, pós ou poções para uso interno.

E quem se injectasse ou engulisse uma pilula do futuro PRONOMINOL CANTAGALLO curar-se-ia para sempre do vicio, collocando os pronomes instinctivamente bem, tanto no falar como no escrever. Para os casos agudos de pronomorrhéa aguda, evidentemente incuravel, haveria o recurso do PRONOMINOL N.º 3, onde entrava a estrychnina em dose sufficiente para libertar o mundo do infame sujeito.

Que gloria ! Aldrovando prelibava essas delicias todas quando lhe entrou pela casa a dentro a primeira carroçada de livros. Dois brutos de mangas arregaçadas empilharam-nos pelos can-

tos, em rumas que lá se iam, e conclusa a faina, pediram:

— Me dá um mata-bicho, patrão!... Aldrovando severisou o semblante e tomando um exemplar da sua obra offereceu-o ao "doente":

— Toma lá. O máo bicho que tens no sangue morrerá asinha ás mãos deste vermifugo. Recommendo-te a leitura do capitulo terceiro.

O carroceiro não se fez rogar, e sahiu com o livro dizendo ao companheiro:

— Isto no Gazeau sempre nos rende cinco tostões. Já serve!...

Mal sairam, Aldrovando abancou-se á velha mesinha de trabalho e deu começo á tarefa de lançar dedicatorias num certo numero de exemplares destinados á critica. Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Ruy Barbosa, quando seus olhos deram com a horrenda cinca:

"daquelle QUE SABE-ME as dores".

— Deus do céo! Será possivel?

Era posivel. Era facto. Naquelle, como, em todos os exemplares da edição, lá estava, no hediondo relevo da dedicatoria a Fr. Luiz de Souza, o horripilantissimo — Que SABE-ME...

Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, e em todo o rosto uma estranha marca de dôr — dôr grammatical inda não descripta nos livros de pathologia — permaneceu immovel uns momentos, transformado, como a mulher de Loth, numa estatua de sal, — sal-amargo, pois que a amargura attingira nelle sua expressão suprema.

Depois, empallideceu. Levou as mãos ao abdomen e estorceu-se nas garras de repentina e violentissima dôr.

Ergueu os olhos para Frei Luiz de Souza, murmurando:

— "Luiz ! Luiz ! Lamma Sabachtani ? !"

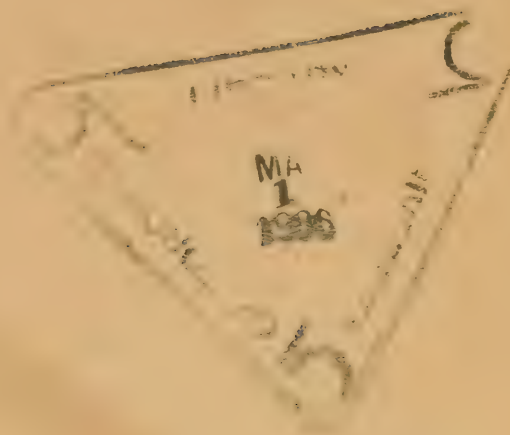
E morreu. De nó na tripa, dizem uns. De prolapso do utero, opina o Toledo Malta. Não importa o nome exacto da *causa-mortis*. O que im-

porta é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da grammatica, o martyr numero um da collocação dos pronomes.

Paz á sua alma.

NOTA. — Do espolio de Aldrovando Cantagallo faziam parte numerosos originaes de obras ineditas, entre as quaes citaremos:

O ACCENTO CIRCUMFLEXO — 3 volumes.
A VIRGULA NO HEBRAICO — 5 volumes.
PSYCHOLOGIA DO TIL — 2 volumes.
A CRASE — 10 volumes.

Pesavam todas, por junto, 4 arrobas, que renderam, vendidas a tres tostões o kilo, 18.000 réis.

EDIÇÕES DA “REVISTA DO B

Título		
Urupês, contos por *Monteiro Lobato*, 6.ª edição .		
Cidades Mortas, contos por *Monteiro Lobato*, 2.ª ed.		
Idéas de Jéca Tatú, critica por *Monteiro Lobato*, 2.ª edição		
Narizinho Arrebitado, livro de historias para crianças, por *Monteiro Lobato*		
Populações Meridionaes do Brasil, estudo de sociologia por *F. J. Oliveira Vianna*		
Professor Jeremias, por *Léo Vaz*, 3.ª edição . .		
Vida e morte de Gonzaga de Sá, romance por *Lima Barreto*	2$000	—
Livro de Horas Soror Dolorosa, poesias por *Guilherme de Almeida*	5$000	—
Alma Cabocla, versos de *Paulo Setubal*, 2.ª ed.	3$000	4$000
Dias de Guerra e de Sertão, interessante narrativa pelo *Visconde de Taunay*	4$000	5$000
Brasil com S. ou com Z, por *F. Assis Cintra* .	4$000	—
Vida Ociosa, romance por *Godofredo Rangel* . .	4$000	5$000
Os Caboclos, contos por *Valdomiro Silveira* . .	4$000	5$000
Historias da Nossa Historia, por *Viriato Corrêa* .	4$000	5$000
Esphinges, versos de *Francisco Julia*	4$000	5$000
O Mysterio, romance por *Afranio Peixoto, C. Netto, V. Corrêa e Medeiros e Albuquerque* . . .	4$000	5$000

PEDIDOS AOS EDITORES: MONTEIRO LOBATO & C.

CAIXA, 2-B — SÃO PAULO

Pedidos para o interior, mais 10 °/₀ para o porte ::

SECÇÃO DE OBRAS D' “O ESTADO DE S. PAULO”